

Maria Madalena no Cinema Mudo¹

André Leonardo Chevitarese

<http://lattes.cnpq.br/8607821911525405>

IH - UFRJ

Resumo:

O artigo propõe uma análise da personagem Maria Madalena nos filmes mudos e sua constante associação à prostituição. Como será analisado, será possível perceber que essa associação em nada dialoga com a documentação e com o movimento originário de discípulos de Jesus.

Palavras-chave: Cinema mudo, Maria Madalena, Jesus.

Abstract:

The article proposes an analysis of the Mary Magdalene character in silent movies and his constant association with prostitution. As will be discussed, it will be possible to see that this association has no correspondence to ancient documentation and the originary movement of Jesus's disciples.

Keywords: Silent movies, Mary Magdalene, Jesus.

¹ Este texto faz parte de um livro que será lançado ainda neste ano de 2012, cujo título é “Jesus no Cinema. Um Balanço Histórico e Cinematográfico entre 1905 e 1927” Rio de Janeiro: Klínē Editora. (no prelo).

É praticamente impossível dissociar Maria Madalena da prostituição nos filmes mudos. Esse é um dado que nada tem a ver com o material neotestamentário, muito menos com a atual pesquisa acadêmica. Objetiva-se aqui proporcionar informações para que o leitor possa repensar o papel dessa mulher no movimento de Jesus.

I. De imediato, foram organizados dez quadros que sistematizam inúmeras informações sobre a narrativa da ressurreição de Jesus dispersas no material neotestamentário e demais textos antigos cristãos. A ênfase recairá na centralidade das mulheres inseridas no movimento do Nazareno em todas essas narrativas.

Fica evidente, a partir do Quadro 1, que das seis mulheres associadas à visita ao túmulo de Jesus, pelos mais diferentes autores, Maria Madalena é a única a se fazer representar em todos eles.

Quadro 1. Mulheres visitam ao Túmulo

Maria Madalena	Maria, mãe de Tiago	Salomé	Maria	Joana	Mulheres
Mc 16:1	Mc 16:1	Mc 16:1	—	—	—
Mt 28:1	—	—	Mt 28:1	—	—
Lc 24:10	Lc 24:10	—		Lc 24:10	Lc 24:10
Jo 20:1	—	—	—	—	—
EvPe 12:50	—	—	—	—	EvPe 12:51

As mulheres buscam visitar o túmulo para realizar diferentes propósitos (ver Quadro 2). No caso específico de ungir o corpo com aromas e / ou levar aromas para perfumar o corpo de Jesus, a presença da pedra tumular era um problema. Quanto ao propósito de visitá-lo e / ou chorar e bater no peito, em sinal de dor e luto, a simples presença diante do sepulcro era suficiente.

Quadro 2. O propósito da ação das mulheres no Túmulo

Ungir o corpo com aromas	Visitá-lo	Levar Aromas	Chorar e bater ao peito
Mc 16:1	Mt 28:1	Lc 24:1	EvPe12:54
—	Jo 20:1	—	—

As mulheres, porém, ao chegarem ao local onde Jesus estava enterrado, verificaram que a pedra tumular havia sido removida (ver Quadro 3).

Quadro 3. A superação do obstáculo para que o propósito da visita tivesse êxito

A pedra tumular foi removida	O anjo removeu a pedra tumular
Mc 16:4; Lc 24:2; Jo 20:1; EvPe 9:37	Mt 28:2

Como o sepulcro estava aberto, as narrativas textuais mostram uma hesitação por parte das mulheres sobre o que fazer: entrarem ou não (ver Quadro 4).

Quadro 4. As mulheres e o túmulo de Jesus

Elas entram	Ela não entra	Não há como precisar se elas entram ou não
Mc 16:5; Lc 24:2	Jo 20:2	Mt 28:5; EvPe 13:55

Aquelas que decidiram entrar viram seres humanos ou angélicos no sepulcro (ver Quadro 5).

Quadro 5. Presença de alguém no interior do túmulo

Um jovem	Um anjo	Dois homens	Dois anjos
Mc 16:5-6; EvPe 13:55	Mt 28:2	Lc 24:4	Jo 20:12

As suas reações foram as mais variadas possíveis (ver Quadro 6).

Quadro 6. A reação das mulheres diante da personagem presente no túmulo

Espanto	Temor	Medo	Naturalidade
Mc 16:5	Mt 28:5; EvPe 13:56	Lc 24:4	Jo 20:13

De acordo com a maior parte das narrativas, as mulheres não receberam nenhuma ordem, enquanto que em duas fontes específicas, um jovem ou um anjo mandaram que elas falassem com os discípulos e, em especial a Pedro (ver Quadro 7).

Quadro 7. As mulheres e a ordem dada (ou não) pela personagem no túmulo

Dizer aos discípulos e a Pedro	Falar aos discípulos	Não há nenhuma ordem
Mc 16:7	Mt 28:5	Lc 24:4; Jo 20:11-13; EvPe 13:56

O mais importante dessa informação, era que elas deixassem claro para todos que Jesus estava vivo: na Galiléia, do lado de fora do sepulcro ou em um lugar não especificado (ver Quadro 8).

Quadro 8. Jesus está na Galiléia ou do lado de fora do túmulo ou ainda está vivo, mas não é especificado o lugar

Na Galiléia	Do lado de fora do túmulo	Não é especificado um lugar
Mc 16:7; Mt 28:7,10	Mt 28:9; Jo 20:16-18	Lc 24:6

Quando se considera para quem primeiramente apareceu o Cristo ressuscitado, as narrativas divergem entre si: pode ter sido às mulheres (Maria e Maria Madalena); ou somente Maria Madalena; ou ainda a Pedro (ver Quadro 9).

Quadro 9. Jesus está vivo e aparece primeiramente às mulheres / a Pedro

Maria Madalena e Maria	Maria Madalena	Pedro
Mt 28:9-10	—	—
—	—	Lc 24:34
—	Jo 20:14-17	—
—	—	1Cor 15:5
—	—	EE 3

Torna-se explícito, no seio daquelas comunidades cristãs produtoras de textos, uma clara divisão de gênero, com Pedro se fazendo presente pela linha paulina e lucana, e as duas Marias em outros materiais independentes. No entanto, não deve passar despercebido que para a importante comunidade joanina, coube apenas Maria Madalena a primazia do ver o Jesus ressuscitado e de anuciá-lo (ver Quadro 10) aos demais discípulos.

Quadro 10. Jesus pede que as mulheres anunciem que ele está vivo na Galiléia

Mt 28:10	Jo 20:18
Anunciar	Anunciar

Esse dado não pode nem deve ser negligenciado diante da informação que essa mulher fosse uma prostituta arrependida.

Quando as mulheres são nomeadas (ver Quadro 11), no momento da visita ao túmulo do Senhor, constata-se a presença constante de Maria Madalena nesses relatos. Ela goza de uma enorme centralidade em alguns importantes textos cristãos (D'Angelo, 1999: 171-195)², especialmente em Jo (20:11-16):

Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés. Disseram-lhe então: “Mulher, por que choras?” Ela lhes diz: “Levaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram”! Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. Jesus lhe diz: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Pensando ser ele o jardineiro, ela lhe diz: “Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar!” Diz-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: “Rabbuni!”, que quer dizer “Mestre”.

² Ver, por exemplo: EvFel 32 (59:6-11), 55 (63:30-64:5); e EvMM (Papiro 8502 de Berlim, II parte; Frag. Papiro Rylands III 463).

Esse seu papel de protagonista na narrativa da ressurreição de Jesus, soa, na cabeça daqueles mais conservadores, como o mundo estando de ponta à cabeça. Possivelmente como uma reação a essa centralidade, no final do século VI, mais precisamente no ano de 591, o Papa Gregório Magno I impõe aquele olhar mais amplamente conhecido de Maria Madalena: ele a transforma em prostituta arrependida. Isso foi possível, na medida em que o Papa reuniu, como se fosse uma só história, dois diferentes passos lucanos (Lc 7:36-50, 8:2).

O sucesso dessa leitura papal pode ainda ser medido em nosso cotidiano, especialmente nos filmes, na medida em que ele impediu que o nome Maria Madalena fosse invocado em defesa de uma liderança feminina na hierarquia eclesiástica. Considere a fala de Maria Madalena aos apóstolos (Jo 20:18):

“Vi o Senhor”.

Ao compará-la com aquela de Paulo (1Cor 9:1), onde ele também diz:

“Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?”

É evidente, na referida passagem paulina, que o critério chave para o seu apostolado era o fato de ele ter visto o Cristo ressuscitado. Implica dizer, em meados do primeiro século, pelo menos na comunidade paulina, o apóstolo era aquele que tinha visto Jesus. Há algo aí, nesse tipo de discurso, que se confunde e se reveste com poder. Algo como quem pode ou não falar sobre Jesus. Todo aquele que viu Jesus ressuscitado, tem autoridade para falar dele; quem não o viu, só pode ouvir, mas não falar. Não sem sentido, Jesus incumbe Maria Madalena de anunciar aos seus discípulos que ele havia ressuscitado (Jo 20:17-18). Aos olhos da comunidade joanina, o fato de Maria Madalena ter sido a única a testemunhar o Cristo ressuscitado e de ter recebido a incumbência do próprio Senhor de anunciar a sua ressurreição, a tornava apóstola, tal como, por exemplo, eram Pedro, Tiago e o discípulo amado.

II. Há um bom exemplo que ajuda a reforçar esse olhar acerca de Maria Madalena – de ela ser ao mesmo tempo seguidora próxima de Jesus e prostituta arrependida. O primeiro deles pode ser percebido na longa série conhecida como *Noli me tangere*. A própria forma de classificação – *Não me retenha* – ecoa a passagem joanina (20:17), onde Jesus lhe pede para que ela não o retivesse. Três bons exemplos dessa série podem ser encontrados em Titian (ver imagem 1); Fra Angelico (ver imagem 2) e Giotto (ver imagem 3).



Imagen 1. Titian. Óleo sobre Tela, *Noli me tangere*, 1511-12. National Gallery, Londres.



Imagen 2. Fra Angelico. Afresco, *Noli me tangere*, 1440-41. Cela 1 do Convento de São Marco, Florença.



Imagen 3. Giotto. Afresco, Noli me tangere, 1304. Basílica de São Francisco de Assis.

As três imagens dialogam com Jo (20:11-17), com a ênfase recaindo no reconhecimento da voz de Jesus por Maria Madalena, no momento em que ele a chama: “Maria!” Ela, bastante emocionada, cai de joelho ao chão, esticando os seus braços com a clara intenção de tocar o Mestre. Vê-se, neste instante, a reação de Jesus, que por meio da sua mão direita tenta evitar que Madalena lograsse êxito na sua intenção, além de chegar levemente o seu corpo para trás. Nesse momento, “pode-se ouvi-lo dizer”: “Noli me tangere”.

Quando se considera especificamente essas três pinturas, nota-se que aquela de Giotto foi a “mais fiel” à referida passagem joanina, já que ela também traz o túmulo e os dois seres angélicos. Quanto aos cinco soldados romanos dormindo, eles seriam acréscimos do próprio pintor, possivelmente para dar mais realismo ao tema retratado. Giotto faz ainda Jesus segurar com a sua mão esquerda um mastro com uma bandeira marcada pela cruz, indicando que ele ressuscitou. Tanto Jesus e Maria estão aureolados, mas esta auréola em Maria, se por um lado denota a sua importância no anúncio de um acontecimento

extraordinário, não deixa o observador esquecer quem ela é: a prostituta arrependida.

III. O cinema ajudou a disseminar a imagem de Maria Madalena como prostituta arrependida. Os amantes da Sétima Arte devem se lembrar do filme de Cecil DeMille, *O Rei dos Reis* ([os que ainda não viram poderão fazê-lo clicando aqui](#)), no que seria talvez a mais forte narrativa fílmica envolvendo o processo de libertação demoníaca e conversão dessa mulher ao “Caminho”.

A cena começa com Maria Madalena, de forma arrogante e prepotente, indo tirar satisfações com Jesus (que até então ela não sabe quem é), pelo fato de ele ter lhe roubado o seu precioso amante, no caso em questão, Judas. Maria entra na casa em que se encontram Jesus e os discípulos. Ela fala rapidamente com Judas. Mas, em seguida, instaura-se uma verdadeira batalha espiritual. Madalena e Jesus trocam olhares, ela (ou os seus demônios), ao perceber a força que emana daquele homem, tenta em vão desviar os seus olhos dos do dele, mas não consegue. Nesse momento, Jesus ordena aos demônios que a deixem imediatamente. Um a um, vão saindo todos eles; um total de sete demônios, cada um deles representado um dos pecados capitais. Ao ver-se liberta, Maria cai em si. Ela percebe que a maneira como está vestida, com a sua roupa ecoando muito do erótico, não condiz com o lugar onde ela está, muito menos é apropriada para estar diante do Senhor. Ela cobre todo o seu corpo com um manto, deixando para trás a meretriz e assumindo os contornos da santidade. DeMille consegue reunir nessa belíssima cena toda a tradição falocrática construída por séculos na bacia mediterrânea, a qual foi plenamente assimilada pelas hierarquias eclesiásticas.

Maria Madalena prostituta quer significar um tipo de olhar que enquadra a mulher como uma ameaça em potencial, cabendo ao homem, portanto, impor-lhe uma vigilância eterna. Esse olhar transpira muito de uma leitura teológica conservadora, ancorada no falso argumento de que Jesus só ordenou discípulos, ao invés de discípulas. Aqui não é o lugar para se levar à frente essa discussão. Fica aqui apenas uma sugestão: que se priorize uma leitura exclusivamente histórica, ao invés daquela predominantemente falocrática, chancelada por inúmeros campos teológicos, que tanto males cotidianos impõem às mulheres.

Abreviaturas

Mc. Evangelho de Marcos
Mt. Evangelho de Mateus
Lc. Evangelho de Lucas
Jo. Evangelho de João
EvPe. Evangelho de Pedro
1Cor. Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios.
EE. Epístola aos Esmirnenses.
EvFel. Evangelho de Felipe.
EvMM. Evangelho de Maria Madalena.

Bibliografia

- BAUGH, L. (1997) **Imaging the Divine. Jesus and Christ-Figures in Film.** Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- BOWSER, E. (1990) **The Transformation of Cinema 1907-1915.** Berkeley: University of California Press.
- BRUNETTA, G. P. (2008) **Il Cinema Muto Italiano.** Roma / Bari: Laterza.
- CHEVITARESE, A. L. (2011) **Cristianismos. Questões e Debates Metodológicos.** Rio de Janeiro: Klíne.
- COSANDEY, R. GAUDREAU, A. GUNNING, T. (Ed.) **Une Invention du Diable? Cinéma des Premiers Temps et Religion.** Sainte-Foy / Lausanne: Les Presses de L'Université Laval / Éditions Payot Lausanne.
- D'ANGELO, M. R. (1999) (Re)Presentations of Women in the Gospel of Matthew and Luke-Acts, in: KRAEMER, R. S. and D'ANGELO, M. R. **Women & Christians Origins.** New York: Oxford University Press, pp. 171-195.
- HAWKINS, M. (1998) **Social Darwinism in European and American Thought 1860-1945.** Cambridge: Cambridge University Press.
- KOSZARSKI, R. (1994) **An Evening's Entertainment. The Age of the Silent Feature Picture, 1915-1928.** Berkeley: University of California Press
- KUHN, A. (1988) **Cinema, Censorship and Sexuality 1909-1925.** London: Routledge.
- LANG, J. S. (2007) **The Bible on the Big Screen. A Guide from Silent Films to Today's Movies.** Grand Rapids, Michigan: Baker Books.